



O senador Magalhães Barata discursando da tribuna do Senado Federal.

# Vibrantes discursos do Senador Magalhães Barata no Monróe

Exibindo documentos incontestáveis, o chefe do P.S.D. mais uma vez denuncia à Nação as arbitrariedades no Pará

Damos início, hoje, à publicação dos discursos proferidos no Palácio Monroe pelo ilustre senador Magalhães Barata, presidente da seção paraense do PSD, nos dias 20 e 21 de maio último, a pedido das inúmeras exortações e intercessões de funcionários do exército e do interior pelo governo do Estado.

**A** missa mandada celebrar por seus amigos e correligionários em apoio do senador Magalhães Barata, no dia 2 do corrente, estiveram também presentes, entre o numeroso público que compareceu ao Santuário de São Francisco, os sr. Alberto Engelhard e Lindolfo Mesquita.

dos cujos chefes têm um único e grande "crime": serem filhos da terra abraçada a Cristo. Para os amigos intransigentes de seu grande conterrâneo que é Magalhães Barata.

Letamos, pois, o que disse Magalhães Barata no Senado: — O SR. MAGALHÃES BARATA — Sr. presidente, chefe político no Estado do meu nascimento, tenho por dever defender meus amigos, que são, hoje, oprimidos. E, v. excia. não ignora o que significa oprimido em épocas, sobretudo do Norte.

que ocorre no Pará, esclarecendo os fatos.

## ACUSA O GOVERNO!

(Continuação da 1.ª página)

lateral os acontecimentos que lá se desenrolam, não trouxe comigo o propósito oculto de ofender o nobre senador Prisco dos Santos, ou ser menos delido para com v. excia., que representa a União Democrática Nacional no meu Estado.

O sr. Prisco dos Santos — Agradoço a v. excia. — Nunca tive, sr. presidente, motivos pessoais para guardar de v. excia. ressentimentos, nas lutas terríveis que enfrentei na minha terra.

Lembro-me de um fato passado quando eu exercia a segunda interventoria. S. excia. foi chamado à Chefatura de Polícia, por qualquer coisa que ignoro, não sei mesmo, por que foi, nem como o trataram.

O sr. Prisco dos Santos — Permite v. excia. que escreva? — O SR. MAGALHÃES BARATA — Pois não.

O sr. Prisco dos Santos — Foi intimado a comparecer à Polícia, segundo me informou o dr. Gueiros, chefe de Polícia de v. excia., pelo fato de haver eu negado alugar o prédio da Assembléia Paraense Sociedade Recreativa, da qual era presidente, a fim de que fosse ali instalado um cassino. O chefe de Polícia mandou à minha casa, na hora do jantar, um cidadão que eu não conhecia, mas vim a saber, mais tarde, tratar-se do Sr. Delegado. V. excia. não ignora que eu, nessa ocasião, não era político; a política vivia completamente afastado. Era apenas médico presidente da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará, e presidente da Assembléia Paraense, quando recebi o convite para uma conferência com o chefe de Polícia de v. excia. Qual não foi minha surpresa quando, em lá chegando, o Sr. Delegado me fez esperar durante duas horas, declarando-me que era ordem de v. excia. prender-me por aquele espaço de tempo, pelo simples motivo de me haver oposto a que se redesse ou alugasse o prédio da Assembléia para nele se instalar um cassino!

Na ocasião, o dr. Gueiros, cumprindo ordens do interventor, me certificava que os jogos na Assembléia Paraense estavam proibidos. Informei-lhe, então, que ali só se praticavam jogos permitidos, isto é, o "pocker" e "relançinho", e, se me não enganou, o "pif-paf", que, nesse tempo, ainda não era proibido. Retiro-me, então, quando não era permitido jogo de espécie alguma. Recebi o recado e lamentei que me tivesse feito esperar duas horas, apenas para me fazer essa notificação. Fui à Assembléia e mandei fechar o cassino. No entanto, em todos os clubes funcionavam salões de jogo. Ai está explicado o motivo por que fui chamado à polícia.

O SR. MAGALHÃES BARATA — Sr. presidente, coisas do Estado Novo!... "De ordem do sr. interventor!" "De ordem do coronel!" No tempo em que fui interventor pela primeira vez, era "de ordem do major!" Depois, passou a ser "de ordem do coronel", "S. excia. determinou". E eu não estava sabendo o que se passava: todos davam os encargos ao governo e eu não tinha conhecimento desses abusos de confiança.

O sr. Prisco dos Santos — Já que estamos num prestar contas, permita-me v. excia. lhe diga que quem me relatou tudo quanto se passava, foi o ilustre jornalista Sentana Marques, seu amigo.

O SR. MAGALHÃES BARATA — Tudo coisas do Estado Novo! Quem saiu pedindo foi eu, porque bastava uma simples divergência para formar um futuro adversário político e sem necessidade. Tive de assumir a responsabilidade das "ordens do sr. interventor!"

E isto — não sei o pensamento do nobre senador Prisco dos Santos, levou-o a ser político, pelo que, agora, não lhe nego os parabéns.

O sr. Prisco dos Santos — Entre na política em 1945, quando, em todo o Brasil se formou aquela corrente para redemocratização do país. Não foi por esse fato: v. excia. sabe que foi muito depois — em 1945.

O SR. MAGALHÃES BARATA — Prossegue sr. presidente, de pois destas breves palavras.

Sr. presidente, não desejava voltar mais a esta tribuna, para ocupar a atenção dos meus distintos e dignos, que, pela sua bondade, me ouvem, tão honrosamente para

num, nas vezes que tenho tratado de assuntos da política paraense.

Depois que o Tribunal Regional Comandante da 1.ª R. M., sr. Sr. 5.º Curioso, se viu forçado a homologar os resultados das votações em diversas seções eleitorais em que ocorreram as eleições suplementares, não aceitando os nossos recursos contra fraudes incontestáveis, coações de caráter militar, com provadíssimas parcialidades e violências contra nossos direitos, em parte de Juizes Eleitorais, como de Abetetuba, a revisão dos meus adversários, por tudo isto e muitos fatos que não vem ao caso tratar aqui, resolvemos, nós, os possuídos do Pará, aceitar os fatos consumados e, obedientes aos sentimentos de bem querer à terra opressa, colaborar com o novo governador, para que pudesse ele com o apoio dos seus correligionários e a nossa cooperação, pôr em execução o seu programa administrativo, prometido como candidato, e com isto dar ao Estado — que por pequena diferença de votação em cerca de 200 mil votos não queria para seu governador.

Esperávamos nós, que ele, justamente por não ser um filho da terra, conhecedor de sua gente, de sua história, de sua tradição, costumes e normas de viver, viesse tratar com respeito e elevação de sentimentos para com um povo que lhe era e tranço e que, por isso mesmo, se batia contra a sua conditatura.

Mas, infelizmente, para uns e outros, tal não se passou. S. excia., premido pelas intrigas, ameaças, etc. — estou falando a chefes políticos estaduais que bem sabem como se passaram as coisas na política do país — dos chefes de coligações de partidos, que apoiaram a sua candidatura, teve que ceder. Não há negar. E com isto desmanchou-se minha tarefa, nada recomendável à sua qualidade de oficial general do Exército e à sua situação de estrangeiro à terra, em demissões em massa, transferências, hoje classificadas, — em outros Estados onde se verificam os mesmos fatos de perseguições e adversários, — de divórcios. Tais transferências são chamadas divórcios porque o marido é mandado para o Norte e a mulher para o Sul, isto é, cada um para região diferente.

O sr. Prisco dos Santos — Tal como no governo anterior.

O SR. MAGALHÃES BARATA — Eu não era esse governo.

O sr. Prisco dos Santos — Governador do major Moura Carvalho.

O SR. MAGALHÃES BARATA — Então, isto é lá com s. excia. (Riso).

O sr. Prisco dos Santos — Esta, a eterna desculpa de v. excia.! Já disse nesta Casa que o responsável por tudo quanto se passou no meu Estado é v. excia., porque nada lá se fazia sem a sua anuência.

O SR. MAGALHÃES BARATA — Perdão-me, mas vou rogar-lhe uma coisa: seja um dia governador e verá como são as coisas. (Riso).

O sr. Prisco dos Santos — O major Moura Carvalho declarou a mim que assim agia por injunções partidárias. Tenha v. excia. paciência, mas aqueles atos já vinham determinados pelo partido.

A mim o major Moura Carvalho declarou: Tenha paciência, mas as ordens são dadas pelo partido.

O SR. MAGALHÃES BARATA — V. excia. se esquece, porém, de citar os bons atos realizados pela nua interferência.

O sr. Prisco dos Santos — V. excia. não me pode acusar de haver feito sequer uma injustiça.

O SR. MAGALHÃES BARATA — Trata-se de assunto em que não quero descer a minúcias.

O sr. Prisco dos Santos — Desisto, apenas, esclarecer os nobres companheiros que nos ouvem.

O SR. MAGALHÃES BARATA — Tais demissões e transferências e desumanas, inaceitáveis, sem critério algum, desrespeitando até os direitos constitucionais dos funcionários meus amigos e correligionários. Essas atitudes do atual governador do Pará fazem com que nos orientemos por outra forma.

Respondendo, agora, ao nobre senador Prisco dos Santos, quando afirma que no governo do major Moura Carvalho se passavam fatos idênticos sob minha responsabilidade. Não o negamos, mas jamais isso aconteceu no vulto dos que hoje ocorrem.

O sr. Prisco dos Santos — Pelo

menos, não tenho deles conhecimento.

O SR. MAGALHÃES BARATA — Tudo está aqui nestes recortes! (Exibindo-os).

O sr. Prisco dos Santos — Em conversação comigo, o sr. general Zacarias de Assunção tem afirmado que vem procurando fazer justiça. Os atos a que v. excia. se refere são determinados por questões de interesse de serviço: são atos rotineiros em qualquer administração. Trata-se de cargos de confiança.

O SR. MAGALHÃES BARATA — Eis aqui (exibindo) recortes de jornais oficiais. Poderei até oferecer uma lista acerca de tais fatos.

O sr. Prisco dos Santos — A maior parte é referente a comissários e delegados de polícia.

O SR. MAGALHÃES BARATA — E também a sub-comissários!

O sr. Prisco dos Santos — Perfeitamente.

O SR. MAGALHÃES BARATA — Até os sub-comissários não escapam...

O Liberal 05 de junho de 1951

Página 01

Página 02